



VOZES ATIVAS: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO PRÁTICA DE EDUCAÇÃO PERMANENTE PARA PESSOAS EM PROCESSO DE ENVELHECIMENTO

MARILDA APARECIDA DE OLIVEIRA EFFTING

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

marilda.effting@gmail.com

ROGACIANO RODRIGUES

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

rogarodrigues@yahoo.com.br

LUIZ AUGUSTO OLIVEIRA EFFTING

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

luizaugusto.effting@gmail.com

ELOÁ APARECIDA CALIARI VAHL

Núcleo de Estudo da Terceira Idade – NETI/UFSC

ecaliarivahl@gmail.com.br

RESUMO:

Contar histórias está para além de ser apenas um entretenimento, um passatempo ou uma atividade para preencher os vazios da existência humana. Ao ser organizada uma roda para narrativas, concebe-se, nesse momento de encontro, o espaço e o tempo de educar. Educar os sentidos, o olhar, a escuta, a fala, o gesto, o respeito ao momento do outro e, nesse cenário, a construção das relações de convivência. Este trabalho tem como proposta apresentar uma síntese das práticas de formação de contadores de histórias, no Curso de mesmo nome, este que é um subprojeto do Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). As metodologias aplicadas no Curso, teóricas e práticas, estruturam-se em textos literários, com ênfase na leitura e a partir desta configuração a equipe formadora busca desenvolver as atividades planejadas. Pretendemos, ainda, demonstrar que independentemente de faixa etária, e nesse contexto o público-alvo são pessoas em processo de envelhecimento, a leitura fomenta acessos a mundos que se entrecruzam e permitem diálogos entre gerações, sendo os textos instrumentos balizadores e potencializadores à arte de contar histórias, eles também se constituem em chaves de acesso que transcendem o tempo dos alunos do curso Contadores de Histórias e endossam o movimento educacional permanente, em cumprimento à proposta norteadora do Núcleo.

Palavras-chaves: Envelhecimento; Literatura; Contação de histórias; Extensão; Educação.

1.INTRODUÇÃO

Contar Histórias...

O contador de histórias tem uma função consagrada pelo tempo. Conta aos homens de onde vieram (nós todos nascemos dentro de uma história), cria fábulas para eles, concluindo com uma moral, para mostrar-lhes, do seu jeito, como deveriam se comportar. Faz com que se divirtam e aprendam. A padroeira do contador de histórias é a célebre Scheherazade, que, todas as noites, corre o risco de perder a cabeça, se a história que conta ao sultão não despertar interesse. A vida dela depende de suas palavras. Não há símbolo mais agudo da importância verdadeiramente capital da arte de contar histórias.

Jean-Claude Carrière

Narrar é um ato intrínseco ao ser humano, desde os primórdios de sua existência e da formação dos primeiros grupos, vivendo em coletivo. E, na sucessão dos tempos, a vida, e todos os seus reveses, vem sendo narrada por desenho, pintura, escrita, fotografia e, dentre essas e outras linguagens há a oralidade. Tanto a oralidade, quanto as demais linguagens serviram, de fato, como instrumento mediador no processo de difusão das culturas, das civilizações, dos comportamentos, da história e das memórias. Povos e comunidades acumularam, transmitiram ensinamentos através da contação de histórias em diversos níveis dos saberes e do desenvolvimento humano, tendo no ancião o depositário dos conhecimentos e agente continuador, pela palavra oralizada, prioritariamente, o que garantia a continuidade do legado sociocultural pertencente aos grupos humanos.

As narrativas, detendo-nos aqui à narrativa oral, necessitam de audiência para que essas manifestações sejam conhecidas e reconhecidas em tempos e espaços distintos. A oralidade teve na audiência do ouvinte o sustentáculo para a continuidade dessa expressão, aparentemente tão simples, porém, fundamental para a circulação e a perpetuação das histórias e memórias, e a transmissão delas de geração em geração. Pois, do “impulso humano básico de ouvir e narrar história” (CULLER, 1999, p. 85), surgiu o pretexto para as pessoas se reunirem para intercambiar experiências e histórias suas, ou que ouviram no decorrer das suas trajetórias de vida e, mantidas, atualizadas, recuperadas nas memórias dos membros das comunidades. Desse modo, edificou-se a tradição oral, e “ninguém sonharia em negar a importância do papel que desempenharam na história da humanidade as tradições orais” (ZUMTHOR, 2010, p. 10), como veículo de presentificação do passado, demarcando um movimento de ir e vir no tempo, tornando as memórias, lendas, histórias um ato do presente, através da narrativa.

No entanto, diante da história da humanidade e seu desenvolvimento em termos de conhecimentos, das ciências e demais áreas dos saberes, o ser humano defronta-se com as questões da evolução tecnológica, que diariamente invade a vida privada e coletiva das sociedades. Desde o século passado, e com mais ênfase neste século, as tecnologias da informação e comunicação (TICs), recriam comportamentos, espaços/mundos virtual, possibilitam o acesso rápido e simultâneo às informações disponíveis nas redes. Dentro do mundo virtual, tornou-se mais fácil e rápido comunicar-se com o outro. Não há a necessidade de se dirigir fisicamente para um amigo, ou familiar, basta enviar uma mensagem de texto, ou de voz. No entanto, com a difusão das tecnologias, surge o paradoxo do isolamento, realidade esta que se transfigura em problema para as pessoas idosas, sem o hábito de lidar com esses aparatos. As questões em discussão, nesse quesito, são amplas. Um ponto crucial é rapidez intrínseca às TICs, e os idosos, muitos deles, encontram dificuldades de acompanhamento às modificações de comportamento com as interações impostas por elas.

Walter Benjamin, na década de 30, teorizava sobre o desaparecimento das narrativas espontâneas e sobre a crise da experiência, isso com o advento das tecnologias circundantes à época, o rádio um forte instrumento e com a disseminação da escrita pelos jornais. Para o autor (1992, pp. 27 e 28):

É a experiência, que temos oportunidade de adquirir quase diariamente, que nos determina a distância e o ângulo de visão. Ela diz-nos que a arte de narrar está em extinção. É cada vez mais raro encontrar pessoas que saibam narrar qualquer coisa com correção. Quando alguém manifesta o desejo de ouvir uma história, é cada vez mais frequente surgir o embaraço entre as pessoas que o rodeiam. É como se uma capacidade que nos parecia inalienável, a mais segura de todas, nos tivesse sido retirada: a capacidade de trocar experiências.

As observações de Walter Benjamin coadunam-se com as percepções de algumas pessoas mais velhas da sociedade atual. O autor vivia uma realidade dura, de desencantos em função de guerras. As rodas de conversas, aquelas com narrativas interpessoais, que oportunizavam os diálogos estreitos, de aproximações sociais e calorosas, distanciavam-se do dia a dia dos povos europeus. Atualmente a situação se assemelha, numa outra voltagem, e pelo mundo todo. Desse modo, as memórias de alguns idosos que vivenciaram as suas próprias experiências e as transformavam em narrativas estas parece não mais interessar até mesmo nas rodas próximas de convivência.

As pessoas idosas, do tempo presente, experienciam as transformações sociais, culturais, familiares e as velozes transformações tecnológicas. Diante dessas recorrentes modificações instituições e órgãos de ações gerontológicas vêm, gradativamente, assumindo e proporcionando encontros entre pessoas em processo de envelhecimento.

Na ausência dos encontros espontâneos de antigamente, as entidades sistematizam e buscam apoio para congregar essa população, que cresce e demanda atenção por gerar “necessidades de toda ordem, exigindo maiores e intensivos esforços na efetivação de políticas, programas e ações visando ao envelhecimento digno e saudável” (SCHIER et al., 2013, p. 4). Entendemos que no espaço de rodas de histórias está presente um corpo que tem uma história de vida. As palavras convertem-se em expressões pelo ato de narrar histórias e solicita um retorno do indivíduo a ele mesmo, enquanto estado de ausculta, o que reflete um movimento de entrada e de presença junto ao outro e, ao mesmo tempo, a possibilita de usufruir toda a beleza de se encontrar no gesto de contar.

2. CONTEXTO

O NETI, desde 1982, e aqui convém ressaltar o seu pioneirismo no Brasil, oportuniza às pessoas em processo de envelhecimento atividades, cursos e oficinas direcionadas a interessados com idade igual ou superior a 50 anos, levando-os a aprender e a reaprender a “ocupar o seu espaço e a interagir com as outras gerações, enquanto agentes de transformações sociais” (SCHIER et al., 2013, p. 8). E, na tônica de aproximar e reaproximar o idoso a outras gerações, em 1997 foi ofertada a primeira edição do curso Contadores de Histórias e, desde então, em todos os anos subsequentes novas turmas são compostas, impulsionando a educação, a cultura e o bem-estar do idoso, reiterando uma das faces empreendidas pelo NETI: a ação social, pois os contadores em formação e os já formados, em bom número, tornam-se arautos, de textos literários no incentivo à leitura e práticas afins, em veredas que ultrapassam os limites do Núcleo e da Universidade, considerando que o Curso é vinculado e voltado à Extensão Universitária.

Os interessados em ingressarem no curso Contadores de Histórias, são convidados a participar de uma reunião que acontece no dia indicado, dentro do calendário das atividades do Núcleo. Via de regra, essa reunião acontece na semana que antecede o início das aulas do

primeiro semestre anual. Naquele momento são apresentados os membros da equipe interdisciplinar, a que trabalhará durante os dois semestres letivos, e exibida a proposta do Curso. Salientamos que o Curso tem duração de um ano letivo e segue o calendário acadêmico da UFSC, tendo em vista que o NETI é um órgão da Pró-Reitoria de Extensão da UFSC e contempla, em seu projeto pedagógico, as atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Logo na primeira aula os alunos são sondados sobre as motivações que os fizeram chegar até ali. As razões de chegada ao Núcleo, e ao Curso, são as mais variadas. À guisa de exemplo, elencamos e destacamos algumas como: indicação de alguém que fez o Curso; aprender a contar histórias para netos; aprender a contar histórias para o público em geral; aprimoramento para desenvolver trabalhos voluntários em asilos, hospitais e creches; compartilhar narrativas com outras pessoas; preencher tempo ocioso após a aposentadoria; melhorar a leitura; otimizar a memória, entre outras.

A partir dos anseios advindos dos alunos a equipe formadora começa a elaborar o plano de atividade e a pensar em estratégias metodológicas pertinentes, àquela turma, durante a realização do Curso, tendo a oralidade como mecanismo de condução das narrativas e dos estudos que a guiam. As linhas temáticas de conhecimentos, como: expressão corporal, fonoaudiologia, educação, psicologia, são desenvolvidas em confluência com a literatura. Do conjunto dessas áreas são articuladas e estruturadas as práticas de narração de histórias, evidenciando que a educação deve acompanhar as mudanças sociais, “sem negligenciar as vivências, os saberes básicos e os resultados das experiências humanas” (DELORS, 2012, p.14). Por isso, as práticas pedagógicas giram em movimentos para que a pessoa idosa exercite e aprimore as habilidades narrativas em toda a extensão de que o ser humano é capaz. Naturalmente, as particularidades dos participantes são observadas e respeitadas. Ninguém pode nem deve se lançar a excessos ou se arriscar de modo a comprometer a sua integridade física e emocional.

As turmas são heterogêneas, na sua constituição, o que exige da equipe formadora atenção e cuidado na administração das atividades no sentido de evitar exclusões. Como dito anteriormente, a partir dos 50 anos a pessoa interessada pode candidatar-se a uma vaga. Na questão de idade a escala varia de turma para turma, chegando à diferença de quase 40 anos entre o aluno mais novo e o mais velho. Quanto à escolaridade, não há determinação de nível de formação anterior, o que faz com que tenhamos, por vezes, na mesma sala de aula, aluno semianalfabeto e outro com estudos avançados em doutorado e pós-doutorado. Interessa notar que o pré-requisito exigido, indistintamente, é o desejo de contar e ouvir histórias em conformidade com os parâmetros do Curso. Uma das propostas centrais, em concordância com as demais ações do NETI, é trabalhar a protagonização da pessoa idosa, como método de educação e de atuação na sociedade.

3. LEITURA: COMO EVOCAR A ORALIDADE

Os seres humanos edificam as suas narrativas e as inscrevem em dado momento, bem como, nos seus deslocamentos, animando, consolidando seus argumentos por sequências de registros, para então possibilitar a compreensão dos “acontecimentos através de histórias possíveis” (CULLER, 1999, p. 84), considerando que as histórias, nos argumentos de Jonathan Culler, são sucessivas, seguem um rumo e residem nele os efeitos consecutivos dos acontecimentos. Frequentemente, os norteadores desse ato tão primário, a narrativa, provocam amplas discussões, quando é entendida tão somente como “matéria acadêmica”. Isso ocorre de longa data, sobremaneira, quando a matéria está no campo da Literatura.

A leitura, de textos literários, serve de veia condutora dos trabalhos teóricos e práticos no curso Contadores de Histórias, do NETI. Os textos literários são pontes para o estreitamento dos olhares sobre temas da gerontologia, da memória, do cuidado, das reminiscências e da intergeracionalidade. Os conceitos, e o que deles podem ser dito acerca dessas temáticas, são introduzidos no planejamento das aulas com a finalidade de alargar o debate sobre a oralidade e as possibilidades de realização das narrativas.

Conforme seguidamente constatamos, os contos populares, da tradição oral, são bem aceitos. As fábulas, assim como os mitos e as lendas, têm lugar privilegiado nas escolhas. Muitas outras leituras são orientadas, mas as preferências dos alunos são acolhidas e socializadas à medida que contribuam para a produção de atividades específicas, fundadas no ato da oralidade e na experiência de contar histórias e nessas trocas as aprendizagens são ampliadas.

Por se tratar de uma comunidade de idosos, as histórias e as experiências vertem em abundância das memórias. A longevidade lhes proporciona testemunhos incontáveis, mas a memória acumulada pelo tempo sofre interferências por questões que ultrapassam o querer lembrar e o querer esquecer, ocasionando obscurecimento de partes dessas lembranças. Cada pessoa manifesta essas interferências de acordo com as suas histórias particulares. Contudo, para Halbwachs (2012, p. 31),

Confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob forma material e sensível. Aliás, eles não seriam suficientes. Uma ou muitas pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas.

Na concepção do autor, o ser humano, de um modo ou outro, está inserido em um contexto social. Pertence a um grupo e tem em si os reflexos referenciais desse grupo, o que esculpe a memória em grau de coletividade. Há, por certo, um esforço de lembrar que advém do indivíduo que lembra, mas os canais para esse processo dependem de um esforço coletivo.

E, ao examinar a memória individual, Halbwachs (2012, p. 73) destaca que “ela não está inteiramente isolada e fechada. Para evocar o seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade”, o que configura que nas duas esferas da memória, coletiva e individual, as lembranças das pessoas são edificadas no conjunto social de vinculação. E Halbwachs (2012, p. 73) complementa: “mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente”. Lembremos que as alunas e os alunos do Curso vêm de lugares diferentes e possuem origens, formação, gosto e hábitos diferentes, e trazem consigo a educação a qual tiveram contato no universo social, cultural e familiar de cada um/a. Ao longo de suas vidas adquiriram uma forma de ler e narrar o mundo a partir desses universos.

Apesar das amígdalas queixas dos idosos consistirem na dificuldade de aprender, memorizar e lembrar novos conteúdos, entendemos que há neles muita guarnição de “lembranças históricas” e que essas lembranças podem “aumentar por meio de conversas ou de leituras” (HALBWACHS, 2012, p. 72). Essas queixas ressoam quando textos literários desconhecidos pelos alunos surgem no contexto das aulas. Nesse momento partimos para atividades de reminiscências envolvendo todos os participantes, provocando situações de narrativas orais de fatos considerados, por eles, relevantes para serem socializados com as amigadas que começam a se estabelecer. As histórias, sejam elas pessoais, familiares, profissionais, culturais, políticas, enfim, funcionam como elos entre os tempos e esses idosos.

Para Thompson (2002, p. 33), “um projeto de história oral, mais do que lhes propiciar novos contatos sociais e, às vezes, levar a amizades duradouras, pode prestar-lhes um inestimável serviço”. E, endossando essa visão, valorizamos os benefícios de conversas amistosas nas rodas dos encontros. No entanto, para otimizar a oralidade no processo de contar histórias, o material literário é posto em nível de mediação e compreensão aos jogos de ver e sentir a história. Os alunos são instigados a travar diálogos com os textos, fazer abstrações e tentar contextualizar com algumas de suas referências de memórias e, a partir daí, criar estratégias próprias de narrativas orais.

A leitura de textos literários causa, para alguns, certo desconforto, e isso dificulta algumas apreensões e, conseqüentemente, ocorre a fragmentação narrativa. A leitura é colocada como ativador de memória em exercícios de repetição, ou seja, de releituras constantes. Procuramos diversificar as indicações de leituras e incentivamos que eles tragam para o grupo as suas preferências. A partir dessas socializações, a equipe tem a possibilidade de reelaborar e redefinir as ações seguintes, a serem desenvolvidas com a finalidade de trabalhar a memória e a oralidade. Paul Thompson (2002, p. 150), ao comentar os problemas de memórias, com o passar do tempo, diz que:

Admite-se, em geral, que o passado da memória depende da percepção. Para aprendermos alguma coisa, temos primeiro que compreendê-la. Nós aprendemos em categorias, percebendo como as informações se ajustam, e isso nos possibilita reconstruí-la numa ocasião futura, ou reconstruir alguma aproximação daquilo que compreendemos.

A percepção, assim como a compreensão, se dá de maneira muito particular, e isso é incontestável, mas um elemento relevante, que deve ser considerado no processo de recordação das histórias retidas na memória, está no histórico de leituras realizadas pelo indivíduo ao longo de sua vida, como também, pouca ou quase nenhuma vivência com a contação de histórias. Podemos constatar, nos diálogos e nas atividades, que um bom número dos idosos vivendo, nos grandes centros urbanos, está distante das rodas de histórias, dos locais onde as comunidades reuniam-se, principalmente as interioranas, em encontros em galpões, praças, casas de amigos no intuito de confraternizar e compartilhar as mais variadas narrativas e, com essas, leituras de mundo que se complementam, mesmo com divergências, entre os narradores.

4. CONCLUSÃO

Observamos que é expressiva a quantidade de alunos do Curso distanciados, ao longo de suas vidas, desse tipo de experiência formativa e educativa. É dentro do Curso que boa parte dessas pessoas idosas têm a oportunidade de vivenciar as experiências de narração de histórias, as quais são nutridas por textos literários. É também no Curso Contadores de Histórias que esses alunos ocupam-se em reelaborações às suas oralidades. São instigados a criação de dinâmicas para recuperação e manutenção de memória no modo particular, no individual e no coletivo.

A literatura solicita o exercício da leitura em voz alta como prática individual e em grupo, constituindo um processo de educação contínuo, que leva o aluno a lidar com as suas dificuldades, como: ler; falar em público; se dar conta da necessidade de escutar; da necessidade de silêncio; aprimorar seus estados de atenção e concentração; desenvolver a percepção do corpo e da fala como potência para realizar as narrativas.

No Curso, os alunos em processo de envelhecimento, são estimulados a experienciar as narrativas durante as aulas, simultaneamente, orientados à compreensão e à percepção

sensível dos seus corpos. Embebidos em atividades que abordam os estudos dos textos literários, a expressão corporal, os exercícios de voz, o idoso tem a oportunidade de se trabalhar artisticamente, lapidar suas habilidades, instigar sua imaginação e sua memória. São gestos que alargam probabilidades de aprimoramentos narrativos e, por extensão, animam os relacionamentos nos grupos de convivência, entendendo-se como sujeito ativo.

As diferenças individuais na forma de agir, ou de narrar, são elementos de ampliação do olhar sobre si e sobre o outro. Os encontros no Curso constituem-se em momentos de observação dos corpos com suas marcas grafadas pelo processo de envelhecimento, e ao mesmo tempo a constatação de que cada um envelhece de modo muito particular. Essa vivência permite às pessoas idosas descortinar caminhos para manterem-se atuantes nos espaços que queiram estar.

Finalizando este trabalho, registramos que as atividades empreendidas no curso Contadores de Histórias desempenham amplas funções junto aos participantes, essas pessoas em processo de envelhecimento. A prática narrativa propõe que o idoso se mobilize em ações que vão além da preparação de um texto a ser narrado. Ele deve entender-se um artista da palavra e sentir prazer em propiciar prazer nesse fazer, que é composto de atitudes simples, porém, edificadoras. E o prazer aludido aqui reside no encantamento subjacente nas linhas e entrelinhas das histórias, na magia embutida nos textos e capturada pela sensibilidade de quem se dispõe em socializá-la para pequenos ou grandes grupos, independente de faixa-etária e em situações e locais diversificados.

A cada passo dado em direção à formação de um maior número de contadores de histórias, mais nos convencemos da responsabilidade que o curso Contadores e Histórias e o NETI, têm para com as pessoas idosas. Acreditamos que as investidas estão sendo eficientes na promoção às relações interpessoais, intergeracionais, artísticas e educativas, nesse seguimento de formação dos sujeitos, aqui, pessoas em processo de envelhecimento.

;

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução de Jacó Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BENJAMIN, Walter. O Narrador (Der Erzähler – 1936) Tradução de Maria Amélia Cruz. **Sobre arte, técnica, linguagem e política**. Lisboa: Antropos, 1992, p. 27 – 57.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CULLER, Jonathan. **Teoria Literária: uma introdução**. Tradução de Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda., 1999.

DELORS, Jacques (org.). **Educação um tesouro a descobrir – Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI**. Editora Cortez, 7ª edição, 2012.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GONÇALVES, Lúcia H. Takase; VALH, Eloá A. Caliar; BORGES, Isabel Cristina. O idoso contador de histórias: a autopromoção de um envelhecimento criativamente bem-sucedido.

Texto & Contexto – Enfermagem, Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Enfermagem/UFSC, 2001. P. 94-115.

HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2012.

LE BRETON, David. **Antropologia do Corpo**. Trad. Fabio dos Santos Creder. 4ª Ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2016.

SCHIER, Jordelina et al. 30 Anos NETI: o percurso de um modelo de educação permanente. **Extensio**, v. 10, n. 15, p. 1-10, 1.º semestre 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/extensio/article/view/1807-0221.2013v10n15p1>>. Acesso em: 12 jul. 2015.

SHUSTERMAN, Richard. **Consciência Corporal**. Trad. Pedro Sette-Câmara. São Paulo: É Realizações, 2012.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos na arte de contar histórias**. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

_____. **Introdução à poesia oral**. Tradução de Jerusa P. Ferreira, Maria Lúcia D. Pochat e Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.